

# LITERATURA E CRÍTICA SOCIAL EM *PROSA RUDE* DE HÉLIO SEREJO

\*\*\*

## LITERATURE AND SOCIAL CRITICISM IN *RUDE PROSE* BY HÉLIO SEREJO

Susylene Dias de Araujo<sup>1</sup>  
Anderson Foster<sup>2</sup>

**Data de recebimento do texto:** 11/08/2023

**Data de aceite:** 07/09/2023

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de analisar a obra *Prosa Rude* (1952) de Hélio Serejo a partir da perspectiva dos estudos da crítica sociológica. Objetiva-se, portanto, identificar, perante o texto serejeano apresentado, certa visão de mundo captada pelo conjunto de práticas, contextos e atores sociais envolvidos no produto artístico. Neste sentido, depois de apresentar algumas informações biográficas sobre autor, além de mencionar algumas abordagens teóricas sobre sua obra, traçamos um panorama das condições contextuais que atingem a narrativa de Serejo, buscando evidenciar a relação entre forma artística e processo social, fazendo emergir o tom de denúncia adotado pelo escritor. À luz dos estudos da crítica sociológica, recorremos às contribuições de Georg Lukács (1978) e em particular, dos estudos de Antonio Candido (2019) entre outras escolhas. Diante dos pressupostos teóricos e da dimensão literária, elencamos algumas condições que possibilitam perceber a crítica social presente na obra, uma vez que as influências sociais e políticas vão sendo descortinadas e aclaradas no decoreer da narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica sociológica. Hélio Serejo. Literatura em Mato Grosso do Sul.

**Abstract:** This article aims to analyze the work *Prosa Rude* (1952) by Hélio Serejo from the perspective of sociological critical studies. The objective is, therefore, to identify, in view of the serejean text presented, a certain worldview captured by the set of practices, contexts and social actors involved in the artistic product. In this sense, after presenting some biographical information about the author, in addition to mentioning some theoretical approaches about his work, we draw an overview of the theoretical and contextual conditions that affect Serejo's narrative, seeking to highlight the relationship between artistic form and social process, making emerge the denunciation tone adopted by the writer. In the light of sociological criticism studies, we resort to the contributions of Georg Lukács (1978) and, in particular, to the studies of Antonio Candido (2019). Given the theoretical assumptions of these authors and, starting from the literary dimension, we list some conditions that make it possible to perceive the social criticism present in the work, since the social and political influences are being unveiled and clarified across the narrative.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociological critique. Hélio Serejo. Literature in Mato Grosso do Sul.

---

1 Professora da área de Letras na graduação e na pós -graduação ( PPG Mestrado Acadêmico) na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Unidade de Campo Grande. susylene@uems.br

2 Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras ( Mestrado Acadêmico) da UEMS, Unidade de Campo Grande. Autor da Dissertação de Mestrado Crítica Social na obra *Prosa Rude* de Hélio Serejo (2021) orientada pela docente referenciada pela nota 1. ar.foster@hotmail.com.

## Introdução

Iniciamos este artigo concentrados em uma proposta de leitura de *Prosa Rude* (1952) de Hélio Serejo, tendo a crítica sociológica como possibilidade de interpretação dos diversos temas que a obra em questão suscita. Logo, o folclore, as crendices, a história, a religiosidade e outras motivações relacionadas ao ciclo ervateiro na região de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul serão avaliados como temas recorrentes nas escolhas do autor. Pretendemos, então, reconhecer o contexto histórico que dialoga com o texto, desvendando o emprego de elementos narrativos que possibilitam o tom de “denúncia”, adotado por Serejo. Na parte inicial do estudo, uma breve apresentação biográfica do autor, além da recuperação de algumas interpretações críticas da obra, com enfoque na estratificação da sociedade, firmada em torno da exploração ervateira. Pelas páginas de *Prosa Rude*, uma sociedade desigual e violenta, cravada pela construção de personagens em camadas sobrepostas, marcadas por características que as constituem além de suas individualidades e subjetividades.

## 2. Sobre o autor a e obra: vida social, política e intelectual

Os dados biográficos de Hélio Serejo publicados por estudiosos de sua historiografia revelam o nascimento em 1 de junho de 1912, na fazenda São João, em Nioaque, ainda no grande Mato Grosso. Dentre os livros que detalham a trajetória serejeana e que compõem o “balaio da crítica” direcionada ao autor, destacamos *Os 13 pontos de Hélio Serejo*, de autoria de Elpídio Reis (1980), *O trilhador de todos os caminhos*, de Hildebrando Campestrini (2008), a reunião dos *Contos Crioulos* (1998) em edição organizada por Enilda Mougnot Pires pela Editora da UFMS. Estas obras apresentam dados da biografia de Hélio Serejo, somadas a informações importantes sobre a vida social e a história do ciclo ervateiro na região da fronteira entre Brasil e Paraguai. Com estes registros, ficamos sabendo que Hélio Serejo quando criança permaneceu no município de Nioaque até os 5 anos de idade, quando levado por seus pais e irmãos foi morar na cidade de Ponta Porã. Nesta mesma época, Francisco Serejo, pai de Hélio, abriu a Ranchada de Porto Baunilha, nos limites da fronteira, onde alguns

anos depois, (com os estudos primários concluídos e já com 14 anos), o jovem Hélio Serejo passou a trabalhar com o seu pai e permaneceu por cerca de um ano, tornando-se um exímio observador dos detalhes do processamento da erva-mate, interessado nas funções específicas de cada trabalhador do lugar, a exemplo os babaquáras, os overeios, os ataqueios, os costureadores, dentre outros.

E assim, dividindo os dias da juventude entre Ponta Porã e os ervais, nas andanças pela ranchada, admirava matos, campos, animais, plantas e rios e cada retorno à cidade fronteiriça se alegrava e matava saudades do espaço urbano em desenvolvimento. Em 1934, ingressou como voluntário no 3º Regimento de Infantaria do Exército, na cidade de Rio de Janeiro, pois desejava se tornar um engenheiro militar, oportunidade em que realizou cursos, atuou como construtor de trincheiras, trabalhou com técnicas de aproximação de inimigos e aprendeu a lidar com armas automáticas. No Rio de Janeiro, no dia 27 de novembro de 1934, o Cabo Serejo estava dormindo quando na madrugada estourou a Intentona Comunista. Com a derrota dos revolucionários, não teve tempo de se fardar, foi confundido e tido como comunista, sendo preso e expulso do Exército por esta ocasião. No retorno ao Mato Grosso, recebeu do Governador Coronel Ramiro Noronha o convite para elaborar um plano de Colonização e de Repartição de terras do território comum a sua terra natal; com a proposta aprovada pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, Hélio Serejo foi contratado para executar o projeto.

Hélio Serejo estudou o assunto em termos de Plano de Governo, viu bem como era a linguagem governamental, trabalhou dia e noite – sempre escrevendo com a mão esquerda – e apresentou o trabalho. Três meses depois que tivera o primeiro encontro com o Governador, o Presidente da República aprovou o Plano de Colonização para o Território Federal de Ponta Porã. (REIS, 1980, p.75).

Como podemos perceber, Serejo circulou por muitos lugares, alguns próximos de suas origens e outros distantes, aglomerados ou desabitados, abastados ou miseráveis, dóceis e suaves ou amargos e selvagens, dos mais humanos, empáticos e solidários aos mais desumanos, explorados e injustos, dos mais pacíficos e benevolentes aos mais brutais e sanguinários. Como absorção

da diversidade destas experiências, foi capaz de compor um conjunto narrativo marcado por sua própria vivência, tendo como resultado a mescla entre o fato e a ficção, o que Auerbach (2002) reconhece como peculiaridade para alguns escritores:

Alguns escritores acharam os seus próprios métodos ou empreenderam tentativas no sentido de fazer com que a realidade que tomavam como objeto aparecesse sob uma iluminação cambiante e estratificada, ou para abandonar a posição da representação aparentemente objetiva, ou da representação puramente subjetiva, em favor de uma perspectiva mais rica. (AUERBACH, 2002, p. 491).

Em relação aos escritos de Hélio Serejo, destacamos que, apesar dos aspectos da subjetividade ficcional da narrativa, as dimensões referentes à época e a singularidade de seu criador ganham destaque no contexto social apresentado e o caráter interno da obra “fala por si mesmo.” De acordo com Carla Centeno (2007), Serejo representa o que viu e ouviu e por ser autodidata, em muitos casos, não realizou consulta a autores ou obras que fixassem um pano de fundo histórico para suas narrativas, uma vez que, na maior parte de seus livros, é notória a ausência de fontes historiográficas.

Hélio Serejo escreveu cerca de sessenta livros em prosa e versos e no filão da crítica destacamos uma variedade de trabalhos que tratam de sua obra. Deste conjunto, o estudo de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos em “*Hélio Serejo: o regional enquanto fábula do lugar*” publicado em *Ervais, Pantanais e Guavirais Cultura e literatura em Mato Grosso do Sul* (2010), organizado por Alexandra Santos Pinheiro e Paulo Bungart Neto é um destes estudos em que o reconhecimento da língua *crioja* situa o *locus* de enunciação da obra fronteiriça serejeana:

Sua obra dá conta e constitui, por si só, o registro de uma das regiões culturais mais singulares do Brasil, ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa “hinterlândia” inóspita. Retrato de um período de grande empreendedorismo que reuniu a região fronteiriça do Brasil, no Sul de Mato Grosso com o Paraguai e a Argentina. (SANTOS, 2010, p.87).

De acordo com Santos (2010), na fronteira com o Paraguai, a descrição dos costumes e tradições relacionados à lida ervateira aparecem com nitidez na prosa regionalista e o caminho linguístico traçado, percorrido por linhas simples e complexas, explora questões culturais e literárias da vida e da convivência do autor. No mesmo percurso, os trabalhos de Leoné Astride Barzotto e Noraci Michel Braucks, *Literatura e religiosidade: aspectos religiosos no crioulisto de Hélio Serejo*; *O sujeito religioso da fronteira sul-mato-grossense: uma análise pós-colonial a partir de Hélio Serejo (0000)* e *Imanência e transcendência no entre-lugar das matas de Mundo Novo: uma análise do conto “Jacutinga” de Hélio Serejo (0000)* contribuem como apreciações críticas muito pertinentes sobre o autor. No primeiro, as pesquisadoras apresentam o processo de convergência de diferentes etnias e suas culturas, o que ocorreu na fronteira Brasil-Paraguai deixando marcas históricas de tensões e conflitos.

Em *Contos Crioulos* (1998), Hélio Serejo apresenta um significativo acervo para a afirmação identitária sul-mato-grossense. Tanto ao destacar aspectos peculiares à lida da erva-mate, como a descrever detalhadamente a paisagem natural da região, ou ainda, ao marcar sua obra com uma língua única e de uso local – forjada por origem múltipla, Serejo afirma a pluralidade étnica e cultural na região sul do Estado de Mato Grosso do Sul, designado por ele próprio como *crioulisto*. Desta forma, a noção de crioulisto de Hélio Serejo está vinculada a uma dimensão híbrida. Tal implicação torna a obra de Serejo relevante também para a análise dos efeitos *in continuum* do processo colonial. (BRAUCKS; BARZOTTO, 2011, p.2).

Ainda conforme Barzotto e Braucks (2011), “A obra de Serejo nos permite grande liberdade de ‘trânsito’ entre o fictício, o histórico e o imaginário humano na fronteira do Mato Grosso do Sul no século passado.” (BARZOTTO e BRAUCKS, 2011: p. 174), observação que se confirma na interpretação de Ana Aparecida Arguelho de Souza em *O balaio do Bugre Serejo: história, memória e linguagem* (2009), a linguagem escolhida, quando associada ao recurso da memória, mobiliza versões históricas além dos registros oficiais para registrar o cotidiano da fronteira. De acordo com Souza, os textos críticos examinados sobre o autor, geralmente textos acadêmicos e jornalísticos, reconhecem o discurso de

um intelectual memorialista, folclorista, poeta e cronista, enfim, um produtor de textos de diversos gêneros. Conforme a autora, existe um equívoco por parte da crítica menos criteriosa, pois:

Serejo, embora cronista e memorialista impecável, não é um literato que domine os segredos e nuances da linguagem literária, embora a crítica menos cautelosa o incense como tal. Apesar dos esforços poéticos, não vai além da rima pobre e do nacionalismo ufanista. E seus contos se ressentem das mediações estéticas presentes nas grandes tramas que surpreendem, caindo mais no domínio da crônica memorialística, o que confere à sua palavra um caráter mais documental do que literário. (SOUZA, 2009, p.120).

Além de apontar que Serejo carece de um melhor domínio literário, Souza cobra do autor um posicionamento mais firme em relação à injustiça de seu meio. Todavia reconhece os trabalhos de Serejo com a crônica e a memorialística como retrato do homem fronteiriço.

De que lugar social ele vê o trabalhador paraguaio? Quais as representações que esse autor tem sobre o trabalho nos ervais? A sensibilidade de Serejo, mesmo que no viés de classe ou, talvez por isso, alcançou o que costura o universal, ou seja, para além de supostas “identidades”, que mais excluem do que congregam, revela o que igualou trabalhadores brasileiros e paraguaios: a exploração do trabalho nos ervais da fronteira. E isso, é o que o próprio Serejo nos aponta em diferentes momentos de sua escrita. (SOUZA, 2009, p.120).

Importante destacarmos que Souza analisa e critica Hélio Serejo numa perspectiva marxista, e as indagações feitas na citação acima expõem o olhar da contradição. Para a autora, Hélio Serejo descreve em suas narrativas os problemas enfrentados no universo dos ervais, no entanto, não aprofunda em sua obra as reais causas, não ataca a raiz dos problemas e, sim, justifica-os pela própria condição e exploração do trabalho na fronteira. Para a crítica, “Em Serejo, a costura é linear e “por fora”. (SOUZA, 2009, p. 121). Por meio da sociocrítica fica evidente o quanto os laços da literatura com a sociedade, a religiosidade, a

ideologia, a história, a cultura e a política entre outros elementos, não perdem de vista sua dimensão de produção simbólica, pois, como perspectiva literária, as palavras poéticas e os discursos simbólicos são acolhidos como realidade linguística, como fatos discursivos, dando espaço a leitores cada vez mais atentos e críticos à realidade que os cercam. Mediante a estruturação e a divisão técnica do trabalho, as sociedades capitalistas impedem o trabalhador de compreender e se apossar do significado final do trabalho. George Lukács (1978) propõe que a arte seja vista como um elemento promotor e mediador entre a realidade reificada e o indivíduo. Nessa lógica, surgiria o esclarecimento, permitindo, assim, o alcance da estética. Nesta acepção, o autor diz que a relação entre literatura e sociedade é algo muito complexo, e dificilmente a literatura poderia ser cópia fiel da realidade, pois a própria realidade já é caracterizada pela reificação em sua totalidade. Segundo o autor, o nascimento da obra de arte é determinante à concreticidade da realidade refletida. A arte possibilita uma amplitude dos horizontes do indivíduo, e a durabilidade das categorias criadas por ela possui uma base objetiva vinculada na própria realidade, portanto, o indivíduo se torna passivo ao recebimento de um enriquecimento, tanto pela experiência que lhe é oportunizada quanto pelos novos contornos substanciais advindos das relações humanas. Nessa mesma linha, em *Literatura e Sociedade* (2019), Antonio Candido, ao se basear em estudos de Lukács, apresenta uma forte e profunda questão para a crítica: se o conteúdo da obra literária apenas dava matéria para a concretização do trabalho artístico, ou se integrava à parte, é preciso, dessa forma, que ele seja considerado na definição do valor estético da obra. Para Candido (2019), o conteúdo estético e o conteúdo histórico-social passam a constituir um método analítico, que parte, em primeira instância, do próprio texto. Candido examina, além da estrutura, a estruturação, ou seja, estuda o processo que estrutura a estrutura, atingindo, assim, a formalização estética dos elementos não-literários. Nessa relação dialética, nenhum elemento desvaloriza o outro. Esse tipo de análise, além de apreciar os fatores internos à obra, tendência na contemplação do elemento histórico-social, busca aferir em que medida estes elementos ganham significado para a economia do texto, se estão apenas imersos no valor estético ou se são determinantes dele.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente,

como referência que permite identificar na matéria do livro a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Nesse caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isso se dá, ocorre o paradoxo assinalado anteriormente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros (CANDIDO, 2019, p. 16-7).

Dessa forma, a análise da obra não é fixada à categoria de estudo sociológico e tão pouco a de estudo estrutural da narrativa. Ao propor a fusão de forma e conteúdo dentro do método de análise, evitando o cerceamento e a limitação do surgimento de outras possibilidades de leitura que comprometeriam a interpretação e a junção da forma (estrutura e estilo) e do conteúdo (histórico e social). Enfim, conforme os pressupostos mostram, uma obra literária, além de ser criada pela inspiração do artista, também é criada dentro de um contexto, numa determinada cultura, língua e país. Conforme Candido (2019), isso denota a expressividade da sociedade, o que dentro da obra literária não se reflete como o resultado de uma preocupação social, uma vez que não se trata de parte “apartada”, e sim de um vínculo intrínseco da literatura em que os elementos constitutivos do texto, incluindo o social, ficam diluídos nas estruturas narrativas, tornando-se orgânicos a elas:

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo de arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. (CANDIDO, 2019, p.63).

Portanto, nossa escolha pela crítica sociológica atende ao delineamento proposto como metodologia de análise, à medida em que se detém à preocupação estética, corporificando texto e contexto dentro de uma relação dialética (CANDIDO, 2019). E é justamente nessa visada, proposta por Candido, que leva em consideração o jogo dialético entre a arte literária e a vida social que se encontra a chave interpretativa das narrativas de Hélio Serejo.

### 3. Sobre Prosa Rude

Encontramos em *Prosa Rude* (1952) a representação de uma época em que a vida, sempre por um fio aos habitantes da fronteira, revelava-se como luta diária entre os ervateiros e o meio ambiente. Os perigos não vinham apenas das florestas, pois sob os desmandos dos patrões, os peões corriam riscos por todos os lados. A obra abrange diversas temáticas predominantemente relativas à vida campestre, em especial a dos ervateiros. Ao relatar o cotidiano do homem simples, Hélio Serejo mostra a identidade de sujeitos que foram ocupando terras inabitadas e, com isso, contribuíram com o desenvolvimento dos longínquos rincões da região de fronteira Brasil-Paraguai.

O livro, publicado em São Paulo em 1952, é composto por 27 textos, portanto, julgamos ser importante separá-los por temáticas e por gênero textual; considerando a extensão da obra, optamos, como análise circunstancial, pela interpretação de apenas dois contos para este registro, o que avaliamos como suficiente para demonstrar a potência do texto de Hélio Serejo nesta obra. Quanto à estrutura, o livro traz a primeira seção intitulada “Palavras Amigas”, cuja apresentação do que será lido é feita por José de Mesquita (Presidente da Academia Mato-grossense de Letras na ocasião). Na sequência temos 27 narrativas seguidas de uma chamada para os tópicos “Vocabulário” e “Juízos críticos sobre Homens de Aço”, sessão onde encontramos diversas opiniões de pessoas físicas e instituições, primeiros leitores da obra. Além destas, a organização do sumário ainda apresenta as “Palavras Finais” e o “Índice” dos títulos.

As narrativas selecionadas para este estudo são “Um júri nos ervais” e “O aluguel de Nhá Chamé”. Quanto às crônicas, *Prosa Rude* apresenta “O herói de Dourados”, “Uma data gloriosa da nossa história”, “Uma figura gloriosa do

império”, “Um mau conselheiro” e “Caboclo de minha terra”. As quatro primeiras são consideradas crônicas históricas, pois mostram, pela visão do narrador, alguns momentos da guerra entre o Brasil e o Paraguai. Há um enaltecimento de algumas figuras brasileiras, a exemplo, homens caboclos que se engajaram nos combates e se destacaram pela coragem e espírito de grande patriotismo, porém, como registro histórico os textos perdem validade pelo exagero ficcional. *Prosa Rude* contém ainda duas lendas de caráter fantástico: “Porque o Jaburu é triste” e “Katira”, escritas que mesclam ações da natureza com atos humanos, tendo como resultado efeitos que levam às reflexões acerca do real e do sobrenatural. Evoltos por contornos do fantástico, os textos “A morte de Ludujero Pango”, “Aquela cruz” e “Dentro da noite” mostram a marca mítica presente nos pensamentos das personagens, o que serve para justificar os fatos estranhos e trágicos ocorridos tanto em suas famílias, quanto na comunidade ervateira.

Na descrição do ambiente, os textos “O corochiré”, “O jacu” e “A urutu” mostram a presença de animais no cotidiano do homem sertanejo. O autor descreve a relação amistosa, harmoniosa, e, às vezes, ameaçadora entre as pessoas e a natureza que habitavam aqueles espaços. Somado a isso, há descrições acerca das estâncias e ranchadas, nisso, as narrativas “Na estância do Guasca” e “Caipô” enaltecem o desbravamento das florestas e a ocupação desses territórios com a construção de moradias. O plantio, os costumes e a relação de hospitalidade entre as estâncias são quase sempre exaltados pelo autor. Em “O flagelo dos ervais” e “Em busca do côsto”, verificamos que os homens dos ervais travavam constante luta pela sobrevivência, e os perigos vinham tanto pelas florestas quanto pelas doenças que acometiam de forma brutal até uma família inteira: “A propagação do mal se verifica pela picada do mosquito anofelino infetado em doente de maleita. É por isso que o *carapanã*, como é conhecido no Amazonas, se constitui no mais cruel e perigoso inimigo do homem do erval.” (SEREJO, 1952, p. 159-160).

Em “Um júri nos ervais” (1952, p. 68), a autoridade local toma a seguinte providência: “Enviou uma ordem ao habilitado na qual exigia o imediato retorno dos dois mineiros para o seu torrão natal: o Paraguai.” Mesmo diante de muitas súplicas e pedidos por parte do ervateiro, não houve jeito, como a ranchada estava sob a jurisdição policial do inspetor, o mandado deveria ser cumprido à risca. O motivo da briga dos peões? “Simplesmente uma jovem e formosa cunhã; uma

dessas mulheres diabólicas, de formas sensuais e de olhar inquiridor e provocante, verdadeira deusa selvagem [...]” (SEREJO, 1952, p. 68). Nenito marca então o julgamento dos dois funcionários, e, antes do momento que decidiria o destino dos brigões, vê a jovem mulher guarani e fixa a sua atenção no corpo voluptuoso dela. Nesse instante, são narradas algumas sensações psicológicas do personagem que passa a sentir algo estranho dentro de si, deixando um suspense do que realmente seria: “Pela sua mente de exemplar chefe de família, célere como um corisco, passou uma idéia sinistra. *Pero caramba, yo no se...* Mas não concluiu, interrompido pelo comissário que se aproximava. – *Todo listo patron...*” (SEREJO, 1952, p. 68).

O conto passa a descrever a sessão do julgamento, presidida por Dom Nenito, acompanhado de vários homens sentados em torno de uma mesa, todos em profundo silêncio. Nenito, que tinha em sua cintura seu respeitado resolver 44, foi muito breve nas palavras, pediu ao comissário as cadernetas dos dois desafetos e disse que precisava cumprir o que a autoridade do Distrito mandava:

– Marco, 430 pesos... Garro, 210 pesos... Pagou o saldo de ambos e entregou-lhes as cadernetas. Não havia dúvida para o prenúncio da deportação. Mais dois que retornavam ao Paraguai, como elementos indesejáveis... Nessa mesma noite, horas alta da madrugada, pela picada tortuosa e escura, devidamente escoltados, os dois nocivos operários guaranis rumavam em direção à barranca do rio, donde seriam transportados por uma lancha que deveria passar ao amanhecer. (SEREJO, 1952, p. 69- 70).

Embora agressivos entre si, Marco e Garro apenas brigavam e disputavam o amor da jovem guarani. Sendo ambos bons funcionários, foram expulsos de forma sumária pelo dono da ranchada por exigência do inspetor, porém, o narrador sugere no final do conto que esse talvez não fosse o único interesse de Dom Nenito: “Mas... quem dias depois passasse por seu trabalhado, haveria de ver, muito faceira, guardada como fina jóia, a paraguainha de formas sensuais e de olhar inquiridor e provocante...” (SEREJO, 1952, p. 70).

Estamos, portanto, diante de uma narrativa que descreve um júri de forma simbólica, no qual, a personagem de Dom Nenito assume a forma de um ditador para expulsar dois compatriotas. Porém, num lance de “segundas intenções”,

segundo o narrador, “para que não cometesse nenhuma injustiça”, determinou que a jovem guarani ficasse na ranchada ervateira. Com essa decisão, mesmo pelas entrelinhas, fica visível o caráter da objetivação da mulher fronteiriça, evidenciando questões sociais como formas questionáveis de julgamento e moralismo. Chama atenção especialmente a construção do personagem Nenito, como já citado anteriormente, um homem que se via como um exemplar chefe de família até que o narrador colocasse em xeque sua personalidade, pois como seria possível que um homem íntegro, em nome da moral e dos bons costumes, chegar ao fim da narrativa envolvendo uma mulher na esfera de um abuso sexual. É justamente diante essas contradições que Serejo direciona sua crítica os que se julgavam como modelos comunidade dos ervais.

O conto “O aluguel de Nhá Chamé” é iniciado por uma espécie de preâmbulo, quando o narrador homodiegético narra cenas de um forte surto de malária que acometeu toda a região da ranchada, comprometendo a produção da erva-mate. O dono do ervateiro, no texto vocábulo utilizado para denominar o espaço do erval, sem nome, apenas nomeado como moço paulista, teve que escolher entre duas opções problemáticas: a paralisação de todos os trabalhos, com a debandada de todos os funcionários, ou a reação frente ao cenário tenebroso que se instalava. Opta, portanto, por lutar contra os males e as ciladas do destino e resolve enviar para a missão “o seu velho *barbaqueiro*, Miguel Boni”, e lhe dá as seguintes instruções: partiria no outro dia muito cedo para a Vila de Santa Luzia, com um pouco de *plata*, a fim de *conchavar personal* e adquirir medicamentos.” (SEREJO, 1952, p. 112). Ao chegar à Vila de Santa Luzia, o senhor Boni age no papel de funcionário fiel, focado na incumbência recebida a ponto de, mesmo viciado em cachaça, nem sequer “molhar o bico”. Nas costas do fiel encarregado, o peso da palavra e o cumprimento das resoluções combinadas. Até esse ponto, a figura do barbaqueiro é garantida como pessoa íntegra e guardadora da moral, no entanto, como reviravolta, irrompe na narrativa a realidade da personagem:

Visita casa escusa, ronda os mesquinhos *bolichos*, assiste às carreiradas paraguaias com o seu tiroeio e cachaçadas, e, por fim, como bom senhor, vê o dia raiar, presenciando um espalhafatoso *jeroki*, no rancho de Nhá Lacu, a mulher mais procurada do lugar... (SEREJO, 1952, p. 112).

A partir desse trecho, o narrador insinua questionamentos acerca do verdadeiro caráter de Miguel Boni, e é notável a ironia em apresentar o personagem com “apurado senso de responsabilidade, sem dúvida.” (SEREJO, 1952, p. 112). Tais descrições, portanto, vão abrindo caminho para a compreensão do fato que será revelado no final do conto, e essas pistas vão sinalizando que o personagem, aos olhos do narrador, é bastante intrigante, especialmente ao ser chamado de “ Dom Boni”. E mais uma vez com ironia, ao ser chamado de Dom, o caráter do personagem passa a ser discutível, e assim de posse dos medicamentos, e acompanhado de um grupo de peões contratados na vila para começar a trabalhar no rancho, Boni volta à ranchada do jovem paulista. Em comemoração, o dono do ervateiro oferece uma grande festa regada a bebida muita música. Perto do desfecho, uma inusitada briga entre dois funcionários: “Uma tarde, gritaria infernal irrompe de um dos ranchos. Alguém intervém precipite. O habilitado é chamado. Um homem está ferido: é o velho Boni. Sangrando no ombro, conta tôda a tragédia. É de pasmar isto. Mas é real.” (SEREJO, 1952, p.119). Conforme a citação acima, o episódio violento remete ao trágico narrado nas linhas finais, impresso pelas entrelinhas. Compreendemos que Boni partira em busca de remédios e novos empregados, deixando sua mulher em companhia de Vicente, seu compatriota. Os dois acertaram entre si que Nhá Chamé ia lavar, cozinhar e fazer outros serviços pela quantia de cem cruzeiros, a ser acertada no momento do regresso do barbaqueiro. Na hora do acerto, a palavra não cumprida e o final sangrento com desdobramentos na vida de Nhá Chamé, levada a cumprir uma sina cruel, a sina da mulher dos ervais:

Vi Nhá Chamé, a cordata mulher de Boni, tempos depois, na vilota de Sanga- Puitã, e conclui com os meus botões: Mau esse Vicente... embora quarentona ela valia bem o aluguel para lavar... cozinhar... e fazer outros serviços...” (SEREJO, 1952, p. 113-114).

O conto termina com as palavras aqui transcritas e, se até então o narrador distante e onipresente apenas narrava os fatos ocorridos, neste instante final resolve se inserir no texto. E ainda que se apresente como espécie de narrador figurante, com brevíssima participação no caso, sua participação acaba

reproduzindo características do espaço e do tempo histórico em evidência como reflexo social do texto. Com efeito, “O aluguel de Nhá Chamé” levanta, desde o início do enredo, um clima de “maleita da fronteira” e se abre tempo psicológico por ativar a memória como forma de recuperação de fatos ocorridos e assim, na falta de posicionamento do narrador, que nada faz pela proteção de Nhá Chamé, a dura realidade da fronteira na vida de uma mulher escancara-se aos olhos do leitor. Na história de Dom Boni em “O aluguel de Nhá Chamé” elementos do trágico familiar são revelados pelo destino da mulher fronteiriça, o que se repete em “Um júri nos ervais” quando a situação de infortúnio narrada conduz à sina da jovem guarani que, embora não tenha sido expulsa, como os dois funcionários que foram levados a júri, recebe pena ainda maior ao ser condenada ao jugo do alçó do erval. Com efeito, em “O aluguel de Nhá Chamé” não há nenhuma manifestação das pessoas do entorno diante da troca da mulher por dinheiro. No conto, o narrador descreve a reação de homens, mulheres, e até as crianças ao passarem próximos da comissária; pessoas assustadas com a cena, porém, sem qualquer atitude diante do que viam. Reflexo da vida social que coloca em xeque a justiça feita por parâmetros não muito convencionais, o conto sugere que a decisão de julgar os operários poderia ser “produto, talvez, de um recalcado egoísmo que Dom Nenito suspendeu os trabalhos naquele dia.” (SEREJO, 1952, p. 68), o que se comprova na insinuação de um conluio para “justificar” ao povo do ervateiro o resultado daquele julgamento. Concluímos então que, ao suscitar a dúvida como resultado do cumprimento da justiça que se faz com evidente parcialidade, o texto permite um olhar duvidoso e crítico frente aos relatos descritos.

Diante dos contos apresentados, percebemos que o a exposição do ambiente e das pessoas permite que diversas temáticas, que vão da compreensão da relação entre o homem e a terra e culminam em visões críticas sobre as relações sociais e de poder, caracterizam o homem ervateiro comum à própria biografia de Hélio Serejo. Com efeito, o produto artístico resultante de seu trabalho como escritor será marcado por fatos reais que se mesclam à memória e se configuram como rastros da história e da ficção, organizados com estilo próprio no discurso literário. Nessa dicotomia, o escritor em busca de elucidação crítica por parte do leitor, na tentativa de conquistar o reconhecimento social, cultural e intelectual do do meio, se mostra pelas considerações finais de *Prosa Rude* (1952) e apresenta

uma espécie de clamor literário no intuito de comover e convencer seus possíveis interlocutores:

Eis o livro. Bom? Sofrível? Péssimo? O qualificativo pouco importa. Se péssimo, irei trabalhar para editar outro um pouco melhor.  
Se sofrível, fico em parte pago pelas minhas longas noites de vigílias...  
Ele aí fica. Acanhado. Humilde. Insignificante. Repleto de senões gravíssimos. Sem gramática. Sem ortografia. E muitas vezes de linguagem rude e grosseira. Mas isto tudo pouco importa: o sacrifício e a boa vontade falarão mais alto. Ele aí fica: é uma espécie de cascalho no meio de esmeraldas e de safiras. (SEREJO, 1952, 207).

Importante destacarmos 1952 como o ano da publicação da obra contendo escritos de anos anteriores a essa data, pois nesse tempo, o escritor já se distanciara dos espaços da fronteira e, com vigilância, mantinha cuidado com possíveis retaliações. Outro aspecto relevante que comprova o receio de Serejo é o fato do autor evitar contato com as terras da fronteira depois de ter saído delas. Conforme Stefanos (2007), por volta de 1948, Hélio Serejo recebeu um convite do Secretário de Agricultura do Estado de Mato Grosso para trabalhar na questão de resolução de terras, no entanto, só aceitou o convite depois de ser autorizado a mexer apenas com as terras próximas a São Paulo. Nas entrelinhas biográficas, o escritor nos adverte que, conforme o progresso avança e se torna consolidado, grandes diferenças culturais, econômicas e sociais vão se estabelecendo, algo natural no processo de desenvolvimento. Diante disso, o autor lança mão da literatura para representar as imbricações e inquietudes expressas, em forma de crítica social, por meio da ficção.

## Referências

AMATO, Carolina Bergamo Gomes. **Configurações da personagem “Capitão” em contos selecionados de Hélio Serejo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2017.

AUERBACH, Erich. A meia marrom. *In* **Mimesis**. A representação da realidade na literatura ocidental. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARZOTTO, Leoné Astride; BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel. Imanência e transcendência no *entre-lugar* das matas de mundo novo: uma análise do conto “Jacutinga” de Hélio Serejo. **Guavira etras**, n. 18, UFGD, Dourados, 2014, p. 186-200.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. *In: Obras escolhidas I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.

BIANCHINI, Odaléa da Conceição Deniz. **A Companhia Matte Laranjeira e a ocupação da terra do Sul de Mato Grosso (1880-1940)**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2000.

BOSI, Alfredo (Org). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BARZOTTO, Leoné Astride; BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel; Literatura e religiosidade: aspectos religiosos no crioulisto de Hélio Serejo. *In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DE MATO GROSSO DO SUL*, 6, Dourados, 2011a. **Anais**. Dourados: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, s.d. p. 1-11.

BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel; BARZOTTO, Leoné Astride. O sujeito religioso da fronteira sul-mato-grossense: uma análise pós-colonial a partir de Hélio Serejo, **I Encontro Diálogos entre Letras**, Dourados, 2011, p. 173-182.

CAMPESTRINI, H. **O trilhador de todos os caminhos: vida e obra de Hélio Serejo**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2019.

CENTENO, Carla Villamaina. **Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)**. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp. Campinas, 2007.

LINS, José Pereira. **O sol dos ervais**: exaltação à obra literária de Hélio Serejo. Dourados, MS: Editora Dinâmica, 2002.

LUKÁCS, Gyorgy. **Os marxistas e a arte**: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.  
SANTOS, Paulo SÉRGIO NOLASCO DOS, Hélio Serejo: o regional enquanto fábula do lugar. IN: PINHEIRO, Alexandra Santos; NETO, Paulo Bungart. **Ervais, Pantanais e Guavirais Cultura e literatura em Mato Grosso do Sul**. Ed. UFGD, 2013.

PIRES, Enilda Mougenot. Contos Crioulos. In: **SEREJO**, Hélio. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

REIS, Elpídio. **Os 13 pontos de Hélio Serejo**. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1980.

SANTOS E SILVA, Serley. **A outra face da memória no universo ervateiro de Hélio Serejo**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2010.

SEREJO, Hélio. **Contos Crioulos**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. I. Campo Grande/MS: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008.

\_\_\_\_\_. **Prosa Rude**. São Paulo: Editora: Cupolo, 1952.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho. O balaio do bugre Serejo: história, memória e linguagem. **Revista Patrimônio e Memória**, UNESP, v. 5, n. 2, 2009, p. 114-132. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/149>> Acesso em: 05 jan. 2020.